



UnB – Universidade de Brasília

IL – Instituto de Letras

LIP – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Amo/sou cores

*Um estudo psicolinguístico sobre as cores
como forma de representação nacional*

Verônica Maria Valadares de Paiva

Brasília,
19 de dezembro de 2013

Verônica Maria Valadares de Paiva

Amo/sou cores

*Um estudo psicolinguístico sobre as cores
como forma de representação nacional*

Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich

Letras – Português – Bacharelado
Universidade de Brasília

19 de dezembro de 2013

UMA PEQUENA TEORIA

*As pessoas só observam as cores do dia no começo e no fim,
mas para mim está muito claro que o dia se funde em uma
multidão de matizes e entonações, a cada momento que
passa.*

Uma só hora pode consistir em milhares de cores diferentes.

*Amarelos céreos, azuis borrifados de nuvens. Escuridões
enevoadas.*

No meu ramo de atividade, faço questão de notá-las.

[A Menina Que Roubava Livros, Markus Zusak]

Universidade de Brasília

IL – LIP – Seminário de Português

Professora Dra. Enilde Faulstich

Estudante: Verônica Maria Valadadares de Paiva – 10/0126324

Projeto

Tema: Estudo do protótipo e da etimologia das cores nas principais línguas românicas.

Justificativa: Embora as línguas românicas sejam todas ramificações do latim, as palavras para indicar cores nem sempre possuem a mesma base etimológica, assim como o protótipo de cor na mente do falante difere de uma língua para outra. Muitos estudos já foram feitos acerca da etimologia das cores, porém no trabalho a seguir, pretende-se fazer um estudo com base nos dados levantados sobre o protótipo de cor que representa a identidade nacional de um povo, sem deixar de lado a pesquisa etimológica.

Objetivos: 1) Investigar o protótipo de cor nacional, como representação na cultura dos nacionais de países nos quais se falam as principais línguas românicas.

2) Mapear a configuração da percepção de si e dos outros, assim como dados históricos e culturais, com base na escolha de uma cor de representação.

Metodologia: A pesquisa das cores será realizada por meio do desenvolvimento de estudos de natureza etimológica e psicolinguística. Para o levantamento de dados, será aplicado teste de percepção em falantes nativos das seis principais línguas românicas: português (do Brasil), espanhol (da Espanha), francês, italiano, romeno e catalão. O teste de percepção será enviado por *e-mail* para contatos estrangeiros da orientadora e da orientanda.

Bibliografía básica:

KLEIBER, Georges. *La semántica de los protótipos – Categoría y sentido léxico*. Trad.: Antonio Rodríguez Rodríguez. Madrid: Visor Libros, 1995.

BUENO, Silveira. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. Editora Brasília LTDA: Santos – SP, 1974.

DAUZAT, Albert. *Dictionnaire Etymologique*. Larousse: Paris, 1938

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
CORES	4
TEORIA DOS PROTÓTIPOS.....	8
REPRESENTAÇÃO	14
OS SÍMBOLOS NACIONAIS	15
CORES E REPRESENTAÇÃO	18
PAÍSES E CORES	21
BRASIL	21
FRANÇA	24
ITÁLIA.....	25
ROMÊNIA.....	27
ESPANHA	29
CATALUNHA	30
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXOS	37

INTRODUÇÃO

Ao observar a capa de um livro sobre vocábulos árabes no português, vi a palavra “azul” e uma dúvida que sempre me intrigou tomou forma imediatamente. De onde vêm as cores? Mesmo dentro da família das línguas latinas, algumas palavras não poderiam ser mais diferentes de suas irmãs. Quem nunca se confundiu com o *rojo* do espanhol que quer dizer *vermelho* e não *roxo*? E o próprio *azul*, que se encontra no português, no espanhol, no italiano, mas destoa totalmente do *bleu* francês, que guarda semelhança com... o inglês.

O trabalho, então, foi pensado para seguir um caminho de pesquisa etimológica, no qual seriam analisadas as origens dos vocábulos que designam cores, assim como as diferenças existentes entre eles e qual foi a estrada percorrida até chegar aos vocábulos usados hoje nas línguas neolatinas.

Foi durante a fase inicial de pesquisa que o problema dos protótipos surgiu. Não há nada mais subjetivo do que a percepção de cores – azul-esverdeado ou verde-azulado? – e um dos fatores que alteram tal percepção é a cultura na qual o indivíduo está inserido. Inuits no Alasca e norte do Canadá podem perceber mais de cem tons de branco, impensável para nativos de países tropicais; e o que falar de todas as gradações de vermelho, que foram categorizadas em cores com nomes totalmente distintos uns dos outros, vinho, encarnado, escarlata, *rouge*?

Com essa inquietação em mente, a pesquisa se transformou, e seu aspecto psicolinguístico se sobrepôs ao etimológico. Desse modo o intuito principal passou a ser investigar o protótipo de cor nacional, como sendo a cor de maior representação de um povo. Uma vez que a natureza apresenta diversidade de cores e ninguém está imune a ela - pois mesmos os cegos de nascença aprendem a ter certa percepção -, o protótipo de cor nacional é algo que pode perpassar todas as comunidades linguísticas, porém o foco desse estudo serão as seis principais línguas românicas: o português do Brasil, o francês da França, o castelhano da Espanha, o italiano, o romeno e o catalão. A escolha dos países foi feita com base no grau de representatividade que cada um oferece para a língua estudada, e o

catalão apresenta um desafio por seu caráter separatista, estando inserido em uma comunidade linguística que tenta ao máximo centralizar uma só língua.

Cores sempre foram usadas para definir países, seja na literatura, na produção cênica, na pintura, isso ocorre porque o conceito de cor nacional é antigo e amplamente divulgado pelas bandeiras. O estudo questiona como essa concepção de cor nacional se materializa na cabeça do falante, que cor ele associa com seu país de origem e com os outros países. Seria a cor predominante na bandeira? Seria a cor de um partido político mais representativo? Seria a cor que define algum aspecto cultural do país? Inconscientemente nos associamos a essas cores para criarmos a sensação de pertencimento?

Responderemos às questões na próxima seção.

CORES

Verde-azulado ou azul-esverdeado? Cores sempre acabam sendo um problema, pois, de toda a cognição humana, um dos conceitos mais subjetivos é o de cor. É comprovado que pessoas diferentes enxergam o mundo de forma diferente, e não seria ao contrário com a visão que cada um tem das cores, a percepção que uma pessoa tem do vermelho de uma maçã não é a mesma para todos, e essa variação se justifica por aspectos que vão do físico, como algum problema oftalmológico, ao cognitivo, pois nem todas as culturas percebem as mesmas cores.

Um estudo pioneiro foi feito por Brent Berlin e Paul Kay e publicado no livro *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution* (1969). O estudo de Berlin & Kay tinha a ver com a proposta da semântica universal e foi baseado nas experiências linguísticas que ambos tiveram e que os fizeram debater se haveria ou não alguma correlação entre a percepção de cores básicas, mesmo em línguas de diferentes famílias.

Não há uma definição precisa para o que seja as cores básicas, se cada língua tem uma infinidade de expressões para denotar cor. Porém, linguistas, psicólogos e antropólogos chegaram a algumas conclusões que auxiliam, se não na definição, mas na seleção de que termo representaria e de que termo não representaria uma cor básica. Foram definidas quatro características para os termos que definem as cores básicas:

1. São *monoléxicos*, ou seja, a palavra não define outra coisa na língua se não a própria cor.
2. São termos cujos significados não definem outra cor na língua. Isso exclui, por exemplo, termos como *carmim* e *escarlata*, pois ambos representam para os falantes tons de vermelho.
3. O significado dos termos não podem ser restritos a um número pequeno de objeto; *ouro*, por exemplo.

4. Os termos se destacam psicologicamente, de forma que a) se listado, apareça no começo da lista; b) possuem estabilidade de referência entre os falantes; c) ocorrem no idioleto de todos os falantes.

Com base na aplicação de teste, Berlin & Kay chegaram à conclusão de que, universalmente, existem onze categorias de cores básicas, que podem ser apresentadas em sua totalidade ou não, dependendo da língua; diferentes línguas possuem diferentes *números* de categorias. As onze categorias de cores básicas são *branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, roxo, rosa, laranja e cinza*.

Inesperadamente, Berlin & Kay fizeram outra descoberta, se uma língua possui menos de onze categorias de cores básicas, essas cores aparecerão com limites restritos, assim distribuídos:

1. Todas as línguas contêm termos para preto e branco.
2. Se uma língua contêm três termos, então ela possui um termo para vermelho.
3. Se uma língua contêm quatro termos, então ela possui um termo para ou amarelo ou verde (mas não os dois).
4. Se uma língua contêm cinco termos, então ela possui termos para amarelo e verde.
5. Se uma língua contêm seis termos, então ela possui um termo para azul.
6. Se uma língua contêm sete termos, então ela possui um termo para marrom.
7. Se uma língua possui oito ou mais termos, então ela possui termos para roxo, rosa, laranja, cinza ou alguma combinação de tais cores.

A tabela, a seguir, resume a organização dos dados coletados na pesquisa, categorizando as línguas em sete estágios, cada um de acordo com o número de cores que a língua percebe:

Estágios	Termos	Cores	Línguas
1	2 termos	Branco e preto	Jalé (Nova Guiné)
2	3 termos	Branco, preto e vermelho	Línguas da Melanésia, Austrália e África
3a	4 termos	Branco, preto, vermelho e verde – indo para o azul	Ibibio (Nigéria), Hanuóo (Filipinas)
3b	4 termos	Branco, preto, vermelho e amarelo	Ibo (Nigéria), os nativos do Rio Fitzroy
4	5 termos	Branco, preto, vermelho, verde e amarelo	Todas as 26 línguas indígenas do México, assim como outras línguas indígenas da América Central
5	6 termos	Branco, preto, vermelho, verde, amarelo e azul	Tamil (sul da Índia) e mandarim
6	7 termos	Branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul e marrom	Nez Perce (língua indígena dos Estados Unidos), Malayalam (sul da Índia), Bari e Siwi (África)
7	8 a 11 termos	Branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, roxo, rosa, laranja e cinza	A maior parte das línguas no estágio 7 exibem todas as 11 cores básicas

Tabela feita com base nas conclusões de Berlin & Kay (1969)

Além da variação natural de percepção das cores entre os falantes de uma mesma língua, há dissonâncias entre as línguas, que não se limitam a “diferenças de tradução”.

Esse estudo, ao identificar um inventário universal de onze cores básicas, serviu também para mostrar que as línguas não definem as categorias de cor

arbitrariamente, mas sim que elas elegem quais cores são mais centrais e representativas; essa eleição depende de vários fatores biológicos e cognitivos, como já comentado, e inclusive ambientais, pois é perfeitamente compreensível que em uma terra gelada como o Alasca, os inuits tenham mais de cem tipos de *branco*, enquanto outras cores são desconhecidas.

É essa relação entre as cores e o ser-cultural que esse trabalho vai abordar ao analisar a escolha de cor mais representativa, na visão dos falantes nativos, para os principais países de línguas neolatinas.

A relação entre cor e representação categórica abordada no estudo de Berlin & Kay foi mais além e criou uma base experimental para a criação da Teoria dos Protótipos, que estuda categorização e representatividade.

TEORIA DOS PROTÓTIPOS

Ao falar de protótipos é natural a associação a algo em sua fase inicial, como o protótipo de um carro ou de um avião, que ainda está em sua fase de teste. Para falar da Teoria dos Protótipos, porém, é necessário por à parte esse conceito primário para conhecer a ideia de categorização, primeiramente apresentada por Aristóteles.

Em Aristóteles se encontra o modelo clássico, no qual as categorias possuem uma essência, que é o que faz com que algo seja o que é, e, como cada ente possui uma essência diferente, cada ente é individualizado por isso. A entidade só poderá ser encaixada em uma determinada categoria se e somente se possuir todos os atributos necessários para fazer parte desta. Dessa forma, as propriedades de uma entidade coincidem com a essência da categoria, justificando a classificação; o fato de conhecermos o conjunto de traços da entidade faz com que conheçamos o significado da categoria.

Tomemos como exemplo a categoria *pássaro*. Aristóteles esboçou um esquema de perguntas para a abordagem da entidade: “tem penas?”, “possui bico?”, “tem quantas patas?”, “voa?”. Com base nas respostas a essas perguntas é possível definir se um animal é um pássaro ou não.

A *Teoria Clássica do Significado e da Categorização* aceita uma série de suposições básicas, das quais destacarei quatro:

- 1) As categorias se definem em termos de um conjunto de traços necessário e suficiente;
- 2) Os traços são binários (possuem ou não possuem, pertencem ou não pertencem);
- 3) As características têm limites bem definidos, não sendo possível existir casos ambíguos;
- 4) Todos os membros de uma categoria têm o mesmo status, há uma correlação perfeita entre seus atributos.

Complementando a teoria clássica, podemos usar o enfoque na Análise Componential (Lyons, 1979), que afirma que “a estrutura do significado de uma categoria se organiza em termos de traços ou componentes necessários e suficientes (essenciais), compartilhados por todos os seus membros.”¹

Concluimos que para fazer parte de uma categoria, todos os componentes devem possuir todos os traços característicos dela, sendo possível incluir ou excluir componentes na categoria baseando-se em seus traços, porque esses traços distinguem e individualizam as categorias. As categorias são tidas como homogêneas e possuem limites claros e bem delineados, consequência da perfeita correlação entre seus componentes.

A teoria clássica foi de vital importância no princípio da taxinomia, o que, contrariamente, acabou auxiliando a enxergar alguns problemas básicos. Não é de se espantar que no início dos estudos taxinômicos baleias fossem peixes, morcegos, pássaros sem penas e pinguins... uma ave muito estranha. Esses animais possuem atributos básicos e, se acreditava, restritos a outras categorias; se nada é peixe, se voa é pássaro, e como poderia um pássaro não voar? Com o avanço dos estudos foi possível perceber o atributo de animal mamífero, no caso da baleia e do morcego, e à exceção do pinguim ser uma ave que não voa. Mesmo com os avanços científicos, alguns animais da Austrália, que é considerado um elo perdido, ainda são um desafio para a classificação exata de suas espécies.

Além disso, a categorização é uma atividade mental, manifestada pela linguagem e intrinsecamente associada à visão do falante de uma língua e à compreensão linguística. A comunicação se dá se os sujeitos partilharem “as mesmas distinções semânticas e as mesmas concepções do mundo”², assim, o que os falantes de determinada língua classificam de certa forma, os falantes de outra podem divergir, tudo culturalmente amparado. Um caso clássico é como abacate pode ser visto na América Latina, brasileiros classificam abacate como uma fruta que se come com açúcar ou em vitaminas, para os chilenos, *guacamole* é o molho feito de abacate, muito usado em diversos pratos salgados, principalmente no

¹ DUQUE, Paulo Henrique. *Teoria dos Protótipos Categoria e Item Lexical*. p. 3

² *Idem*.

cachorro-quente. Se apenas descrito, seria possível pensar que estamos a falar de dois alimentos diferentes, isso ocorre porque a interpretação e atribuição dos componentes semânticos variam segundo a intuição e a cultura do falante.

Para sanar o impasse, a semântica cognitiva adotou uma nova perspectiva de análise, uma mais ampla e flexível: a Teoria dos Protótipos. A Teoria dos Protótipos não considera a ideia de que as categorias possuem limites fixos e bem delineados, mas sim que possuem estruturas de atributos graduáveis e limites difusos (*Fuzzy categories, fuzzy features*; Taylor, 1989); isso ocorre porque, fugindo do modelo de classificação idealizado da teoria clássica, a Teoria dos Protótipos aceita que as pessoas compreendem o mundo de maneiras diferentes, o que influencia diretamente em sua forma de categorização.

Para a formulação da Teoria dos Protótipos, foram usadas as investigações filosóficas de Ludwig Wittgenstein sobre o que ele chamou de “semelhanças de família” (*Familienähnlichkeiten*), ideia que discordava da noção de limites precisos e bem definidos das categorias na teoria clássica. Wittgenstein esboça o conceito a partir do exemplo de jogos:

“Considere, por exemplo, os processos que chamamos de “jogos”. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos, etc. O que é comum a todos eles? Não diga: “algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam jogos”, - mas veja se algo é comum a eles todos. – Pois se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, e até uma série deles.” (WITTGENSTEIN. 1991. Parágrafo 65)

A semelhança de família é exatamente o que ocorre em uma família. Por mais óbvio que essa explicação possa parecer, os membros de uma família não são todos iguais, mas possuem traços (cor dos olhos, sorriso, cor de pele, jeito de andar, etc.) que os inserem dentro de uma mesma família. Assim também deve acontecer ao categorizar outros elementos, a categorização não deve se apoiar nos atributos comuns a todos os elementos de uma categoria, pois essa exclusividade é irreal, a análise é muito mais realista se aceita a ideia de que os elementos de uma categoria possuem atributos em comum, mas nem todas possuem os mesmos atributos.

Aos poucos a Teoria dos Protótipos foi se delineando, e, com a incorporação do conceito de semelhança de família, desenvolveu-se a noção de *exemplar prototípico*, que será de grande uso na análise dos dados deste trabalho. As pesquisas de Eleanor Rosch introduzem o conceito de protótipo como o exemplar mais idôneo em uma categoria, o melhor representante. As categorias não estão construídas com seus membros estabelecidos de forma equidistante, alguns exemplares são mais representativos que outros.

Na categoria *pássaro*, é comum que o indivíduo escolha rapidamente *canário*, *pardal*, *bem-te-vi*, mas seria muito incomum se escolhesse *pinguim*, por exemplo. O mesmo vale para mamíferos, facilmente alguém escolheria *cachorro* ou *vaca*, mas poucos lembrariam da *baleia*.

Perante essas considerações, foram tiradas as seguintes conclusões³:

- a) Os membros prototípicos são categorizados mais rapidamente que os membros não-prototípicos;
- b) Os membros prototípicos são os que as crianças aprendem primeiro;
- c) Os membros prototípicos são os primeiros mencionados quando solicitamos aos falantes que listem todos os membros de uma categoria;
- d) Os protótipos servem de ponto de referência cognitiva. Por exemplo, *uma elipse é quase um círculo*, em que *círculo* é tomado como referência;
- e) Geralmente, quando o que se pede é a enumeração dos primeiros membros de uma categoria, os protótipos aparecem mencionados em primeiro lugar.

Há também uma posição hierárquica dentro das categorias, ela é usada para fins de representação mental dos elementos internos da categoria. Essa dimensão horizontal por ser reduzida a três níveis, segundo Berlin (1969):

Nível supra-ordenado

Nível de base

Nível subordinado

³ DUQUE. p.8

Supraordenado	arma	fruta	móvel
Nível de base	arma de fogo	maçã	cadeira
Nível subordinado	revólver	maçã argentina	poltrona

O nível de base é o mais privilegiado, pois é ele que define os elementos da categoria, e essa é uma definição rápida, pois é o nível de base que concentra o maior número de atributos e é o mais econômico cognitivamente.

A Teoria dos Protótipos vai, então, usar o conceito de *exemplar prototípico* para criar sua própria definição; a Teoria que as categorias não são estruturas homogêneas, mas que exibem uma estrutura calcada na escala de bons e maus exemplos. Os membros mais representativos, mais prototípicos da categoria são aqueles que os falantes logo evocam ao se referirem à categoria, e, em torno dos membros mais representativos, os demais membros se organizam. Por exemplo, *panela* é um exemplar prototípico da categoria *cozinha*.

É importante ressaltar, porém, que a escolha do exemplar mais idôneo de uma categoria está intimamente relacionada à cultura em que os indivíduos estão inseridos. Sendo os protótipos uma projeção intrinsecamente cognitiva, o aspecto sociocultural do falante irá influenciar em sua escolha de exemplar, e essa diferença cultural será de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho.

A Teoria dos Protótipos considera que as estruturas das categorias possuem atributos com traços graduáveis e com limites difusos (*fuzzy categories, fuzzy features*; Taylor, 1989), ou seja os membros de uma categoria estão ordenados com diferenças de graus de prototipicidade. Uma boa descrição categorial deve considerar tanto os elementos centrais da categoria como os elementos periféricos, menos representativos, que, por vezes, fazem parte de outras categorias.

Kleiber (1995) esclarece que a Teoria dos Protótipos possui um amplo campo de aplicação, podendo abarcar todo fenômeno que envolva categorização, no entanto, para ele, a Teoria dos Protótipos possui alguns problemas sérios, porque nem todos os conceitos têm características de protótipos, como nos conceitos mais abstratos, e nem todas as categorias possuem limites difusos, como é o caso dos

números ímpares, pois é uma categoria em que todos os exemplares são idôneos e possui limites precisos; número ímpar é todo aquele que se divide por 1 e por ele mesmo sem fracionar.

Para lidar com esse problema, os formuladores da Teoria dos Protótipos propuseram transformar a teoria padrão em uma versão ampliada, que seria firmemente amparada pelo conceito de *semelhança de família*. A versão ampliada da Teoria dos Protótipos, mais do que uma expansão, cria uma ruptura entre os conceitos.

“A noção de protótipo como exemplar idôneo de uma categoria permanece, mas, como já não tem uma origem única e pode aparecer inclusive nas categorias clássicas (número ímpar) já não possui o estatuto de entidade fundadora da estrutura original, que a versão padrão lhe havia atribuído. Ao possuir várias origens, não é considerada, se não como um efeito. Isso leva os auto-revisores (E. Rosch, 1978) a falarem mais de graus de prototipicidade do que de protótipo.” (KLEIBER, 1995:144)

Os protótipos não são mais vistos como ímãs que atraem apenas elementos que possuem algo em comum, mas sim como uma corrente em que, aparentemente, os elos não possuem muita semelhança, mas sua vinculação faz sentido ao observar toda a cadeia, daí a importância da *semelhança de família*.

Perante essa mudança de concepção, o caráter monorreferencial das categorias se transforma em multi-referencial. Os elementos de uma categoria, ao não serem totalmente vinculados ao protótipo, podem apresentar propriedades referentes ao emprego e uso dos elementos, destacando que uma mesma palavra pode ser empregada em diversos contextos, o que varia de língua para língua, de cultura para cultura.

Por apresentar uma ruptura de conceito tão marcante, a versão padrão da Teoria dos Protótipos ainda é amplamente usada, sendo a mais conhecida.

REPRESENTAÇÃO

O recente sucesso literário *As crônicas de gelo e fogo*, que virou a série *Game of Thrones* pela HBO, chamou a atenção dos fãs para os curiosos e marcantes estandartes das famílias envolvidas na luta pelo trono. Cada família possui um lema e uma imagem específica, tanto o lema quanto a imagem estão interligados e foram escolhidos pelas famílias de acordo com suas crenças, temperamento ou lugar em que vivem. O que George R. R. Martin fez foi reutilizar uma forma de representação que já estava presente na Antiguidade.

Desde a Águia Romana, organizações como países, estados, departamentos, famílias - e por que não clubes esportivos, como times de futebol? – desenvolveram maneiras de serem representados e deixar marcados quem são na forma de símbolos.

Na Roma Antiga, a *aquila* era um dos símbolos máximos do Império e das legiões romanas; quando em batalha, as legiões deveriam ter um soldado, o *aquilifer*, cuja função era carregar e proteger o estandarte romano; se algo acontecesse ao estandarte, era sinal de má sorte. A águia romana foi um símbolo tão importante e imponente que viria a ser recuperada pela Alemanha Nazista como seu próprio símbolo nacional, como veremos mais adiante.

Antes da criação dos Estados nacionais europeus, já era comum que as famílias e corporações tivessem alguma imagem – vestuário, mobiliário, animais – para representar-lhes. Na Idade Média, brasões eram designados a cavaleiros para homenagear seus atos de bravura, assim como suas famílias; por ser um ícone de *status*, as famílias nobres passaram a utilizar brasões, que eram passados de geração em geração. Criou-se, então, a tradição heráldica.

A heráldica é a arte de formar e descrever um brasão de armas, segundo leis de que cores usar, qual formato e textura são mais adequados, quais imagens e quais materiais podem se combinar com outros. O uso dos brasões sofreu uma baixa no século XIX com o declínio da aristocracia e o advento da burguesia, mas foi

recuperado no século XX, dessa vez representando regiões e cidades e passando a fazer parte dos símbolos nacionais de um país.

OS SÍMBOLOS NACIONAIS

O site da Presidência da República define símbolos nacionais como “manifestações gráficas e musicais, de importante valor histórico, criadas para transmitir o sentimento de união nacional e mostrar a soberania de um país.”⁴ Segundo a Constituição, os símbolos nacionais brasileiros são quatro: o Brasão da República, a Bandeira Nacional, o Selo (que consiste na parte azul da bandeira) e o Hino Nacional.

Os símbolos nacionais vão além de imagens de representação; são a própria manifestação de um Estado soberano, região ou divisão. A escolha de tais símbolos não é arbitrária e se mostra efetiva ao usar elementos típicos e característicos do que irá ser representado.

A folha do plátano (*maple leaf*) é amplamente conhecida como símbolo do Canadá, inclusive está no centro da bandeira do país; primeiro, o plátano foi escolhido como símbolo canadense ainda no século XIX, sendo descrita pelo prefeito de Montreal, Jacques Viger, como “o rei de nossas florestas; ...o símbolo do povo canadense”. A bandeira do Canadá, entretanto, só viria ser oficializada em 1965, mas lá estava, bem no centro, uma versão estilizada da *maple leaf*.

Um exemplo mais antigo, dessa vez associado à religião, pode ser visto na Inglaterra que, apesar de desconhecida, possui sua própria bandeira nacional, que diverge da bandeira do Reino Unido. A bandeira da Inglaterra chega a ser minimalista, um fundo branco com a cruz vermelha de São Jorge desenhada transversalmente. São Jorge, apesar de muito estimado por outros países europeus e por outras religiões (como é no sincretismo brasileiro), é o santo padroeiro da Inglaterra, e sua cruz vermelha, que foi símbolo dos cruzados, ganhou lugar específico na bandeira inglesa.

⁴ <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/simbolos-nacionais>

Para entendermos ainda melhor o poder da representação simbólica, basta pensarmos na recuperação que ocorre com algum deles, especialmente em governos que precisam se ater vigorosamente à propaganda, como foi o caso dos governos nazista e fascista na Europa.

Não era estranho aos governos totalitários da década de 30 tentarem, de alguma forma, reviver a grandiosidade da Grécia e Roma Antiga. O fascismo adotou como símbolo o *fasces* que consiste em vários feixes unidos a um machado, esse símbolo, na Roma Antiga, representava o poder e jurisdição do magistrado; além do *fasces*, de onde derivou a palavra “fascismo”, o governo de Mussolini também trouxe de volta a águia romana como representante do poder que a Itália teria por descendência direta dos antigos romanos.

Mais conhecidos são os símbolos do nazismo; a águia – *Reichsadler* – teve uma jornada interessante, pois é um símbolo que foi usado pelos povos germânicos antigos, como representação do poder de Odin, depois passou a ser o símbolo do Sacro Império Romano Germânico, dessa vez com uma clara inspiração na águia romana, já várias vezes mencionada. Após a unificação da Alemanha no século XIX, a águia foi adotada como símbolo nacional. Com a subida de Hitler ao poder, uma reestilização da águia, aliada à suástica, tornou-se símbolo nacional e do poderio alemão; ao fim da 2ª Guerra Mundial, a águia, por tradição, continuou a ser um símbolo nacional, mas voltou ao ser aspecto pré-nazismo, com o nome de *Bundensadler*, águia federal.

Mais famosa, porém, é a suástica, que representa um caso interessante de transculturação visual, como apontado por Joanne Mundorf e Guo-Ming Chen no artigo *Transculturation of Visual Signs: A Case Analysis of the Swastika*.

*“The Nazi swastika was taken from its ancient Indian roots as a good luck symbol (Davis, 2000.)
It was “modernized” and put into a political context, serving as a unifying symbol
that evolved into the German flag.
It served as a counterpoint to the Christian symbol of the cross;
The German translation is “cross with hooks”.
(Mundorf & Chen, 2006)*

A suástica como símbolo hindu, com suas pontas voltadas para o sentido horário em sinônimo de movimento, implica boa sorte; a suástica nazista, apesar de ser inclinada, tomou conta da correlação simbólica na mente das pessoas, que passaram a associar toda e qualquer suástica ao símbolo do nazismo.

Todos os símbolos citados estão, ou estavam em algum momento, presentes nas bandeiras de seus respectivos países, porém, além desses, há alguns símbolos nacionais não constitucionais. Esses são símbolos interessantes de se analisar, pois é comum que os símbolos oficiais de um país sejam sua bandeira, brasão de armas e o hino, mas ninguém disse na Constituição que a arara-azul no Brasil ou o canguru boxeador na Austrália seriam símbolos de representação do país, esses foram conceitos adquiridos com o tempo, formulados pela psique do povo.

Falando em Austrália... Nos jogos de futebol, nunca deixa de ser uma situação curiosa quando o Brasil joga contra a Austrália; acostumados que somos em ser a “seleção canarinho” e havendo certa resistência ao modelo azul da camisa da seleção brasileira, o uniforme australiano, também verde e amarelo, sempre causa estranheza, principalmente por parecerem ser cores que nada têm a ver com o país.

Por que a Austrália não usa uma variação azul-branca-vermelha como a da sua bandeira, herança da colonização britânica? Aqui o patriotismo australiano fala mais alto, justo eles que sempre foram deslocados na família britânica por ser um país tropical, distante e de recente colonização, o verde e amarelo é uma referência à *golden wattle*, uma espécie de acácia que cresce quase exclusivamente na Austrália. Essa planta é um dos símbolos nacionais australianos, inclusive figurando em seu brasão de armas.

A França tem uma história particular com seu símbolo, o galo. O termo para denominar o povo que vivia na região da Gália, os gauleses, e a palavra latina para galo são homônimos, *gallus*, com isso, o símbolo dos gauleses, povos que mais tarde seriam os franceses, passou a ser um galo. No começo, porém, isso era motivo de chacota para os romanos, afinal, o que seria de um galo perto de uma águia?

Outras foram as vezes em que símbolos representativos foram subvertidos ou alvo de piadas, como ocorreu com o urso russo, que ganhou uma dupla conotação. O urso não é apenas um urso para o povo russo e aparece em diversas obras literárias, contos folclóricos e ditados populares, um animal forte que sumariza a força da Rússia, além de conter certa dose de carisma. Porém, o urso também foi usado pela Europa Ocidental e pelos Estados Unidos, os últimos, em especial, na época da Guerra Fria, como uma forma de exemplificar a rudeza e agressividade da Rússia. O mesmo animal, o mesmo símbolo, no entanto, duas visões opostas, demonstrando o cenário político que as envolve.

CORES E REPRESENTAÇÃO

A importância e significação das cores foi abordada anteriormente nesse trabalho; em termos de representação, elas se tornam uma forma rápida de criar vínculos e favorecer a ideia de pertencimento. Gincanas escolares, grupos religiosos, uniformes escolares, entre outros, todos se utilizam da escolha de determinadas cores que serão usadas por todos os que pertencem a determinado grupo, para facilitar identificação e criar ideia de unidade.

Qualquer pessoa que fosse aos aeroportos do Rio de Janeiro durante o mês de julho de 2013 encontraria um mar de cor graças à Jornada Mundial da Juventude. O evento reuniu milhares de pessoas de diversos países, elas chegavam aos aeroportos carregando bandeiras de seus respectivos lugares de origem ou mesmo amarrando fitinhas da cor de seus países em suas malas, para facilitar a organização e evitar perdas, aliás, costume esse que já se espalhou há algum tempo no corre-corre das viagens.

O fato é que nunca se tem tanta noção da origem quando se está em algum lugar onde prevalecem pessoas de origem distinta; algo como a ideia de alteridade de Bakhtin⁵, em que alguém só se percebe ao se confrontar com o outro, pelos olhos deste. Em uma viagem internacional, um brasileiro, por exemplo, pode sentir-

⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad.: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

se acolhido ao ver um grupo de pessoas com cores verde e amarela ou, se for daqueles que preferem evitar compatriotas, irá se afastar do grupo, pois, verde e amarelo são as cores mais usadas para representar o Brasil.

O uso da combinação de cores para representar um país foi elevado a um nível muito mais marcante a partir do final dos anos 30 com o advento das histórias em quadrinhos seriadas. Quando Jerry Siegel e Joe Shuster criaram o Super-Homem e lhe deram um uniforme nas cores azul e vermelha, até poderiam estar pensando nas cores primárias e na facilidade de colorização, mas o personagem cresceu tornando-se um ícone cultural que representa os ideais e a moral do povo estadunidense, e, nesse quesito, as cores de seu uniforme ganharam nova dimensão.

De forma mais explícita, surgiu o Capitão América, que tinha a intenção de ser uma clara representação dos Estados Unidos enfrentando os inimigos na 2ª Guerra. Jack Kirby e Joe Simon, conscientemente, tomaram a decisão de usar o personagem com intenções políticas, o que influenciou no design de seu uniforme que é, basicamente, a bandeira dos Estados Unidos, incluindo as estrelas. Algo análogo ocorreu com a Mulher Maravilha que também leva as cores vermelha e azul com estrelas e, nos anos 40, foi um forte símbolo da independência feminina nos tempos da guerra.

Claro que isso não quer dizer que toda e qualquer combinação entre azul e vermelho são alguma espécie de mensagem subliminar dos Estados Unidos, mas essa escolha de padrão de cor não só caracteriza os personagens, como os torna reconhecíveis e fáceis de relacionar.

Vejamos o que Walt Disney fez ao criar um personagem brasileiro para ser amigo do Pato Donald. Zé Carioca, o papagaio malandro, foi criado em 1942, durante a fase que se chamou Política da Boa Vizinhança, na qual os Estados Unidos estavam em busca de aliados. Walt Disney chegou ao Brasil com sua equipe criativa e reparou que no Brasil se contava muitas piadas de papagaio, então foi fácil decidir como o personagem se pareceria, suas roupas remetem ao típico malandro da Lapa, com terninho branco e chapéu.

Muito estudos já foram feitos⁶ sobre a importância simbólica do malandro na cultura brasileira, e aqui vemos uma interpretação estrangeira do personagem; sem dúvidas os papagaios mais comuns possuem penas verdes, mas não deixa de ser interessante a escolha de Walt Disney em deixar o verde e o amarelo tão bem marcado no design de Zé Carioca, uma amostra da visão estrangeira acerca das cores mais prototípicas do Brasil.

⁶ 1- CANDIDO, Antonio. "Dialética da Malandragem". *In: O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

2 – DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

3 – ROCHA, Gilmar. "Navalha não corta seda": Estética e performance no vestuário do malandro (<http://www.scielo.br/pdf/tem/v10n20/07.pdf>)

PAÍSES E CORES

Já ficou bem estabelecido que países possuem símbolos para lhes representarem, e a escolha desses símbolos vêm de diversas fontes. Também já foi explanada a Teoria dos Protótipos, que discute a ideia de exemplar mais prototípico, aquele que melhor irá representar uma categoria, de acordo com algum critério. Se o critério for cor, qual seria, então a cor de melhor representação de uma nação segundo seus próprios nacionais?

Para este trabalho, foi criado um teste de percepção que foi traduzido para as seis principais línguas latinas – português, espanhol, francês, italiano, romeno e catalão – e enviado para falantes nativos de cada uma dessas línguas. O teste consistia em um comando simples, que fosse estabelecida uma cor de livre escolha para cada uma das vinte e uma palavras listadas, que variavam entre sentimentos, países, formas da natureza; o número elevado de vocábulos serviu como um despiste, pois entre os vinte e um figuravam os nomes dos cinco países, mais a região da Catalunha, de onde os falantes entrevistados se originariam.

A seguir, serão mostrados os dados coletados e a análise destes.

Brasil

Excepcionalmente, 100% dos brasileiros entrevistados elegeram *verde* como a cor mais prototípica do Brasil, como está demonstrado no gráfico:



Verde, do latim *viridis*, é várias vezes descrito como a cor da esperança e a cor mais prototípica ao se falar em natureza, não é de se estranhar a escolha do verde para representar o Brasil.

O verde figura na bandeira nacional desde o princípio, ainda na presença da Família Real no Brasil. D. Pedro I decretou a forma que a bandeira do Reino do Brasil teria, apoiando-se em um projeto antigo do pintor francês Jean-Baptiste Debret, “o Brasão de Armas do Brasil Reino serão, em um campo verde, uma esfera armilar sobreposta em uma cruz da Ordem de Cristo, a esfera do ouro circulada por 19 estrelas de prata em um círculo azul; e uma coroa real com os diamantes ajustados sobre o protetor, os lados de que abraçado por duas plantas do café e do tabaco, como emblema de seus [riquezas do reino], em suas cores apropriadas e serão amarrados no fundo com o fitão nacional”.

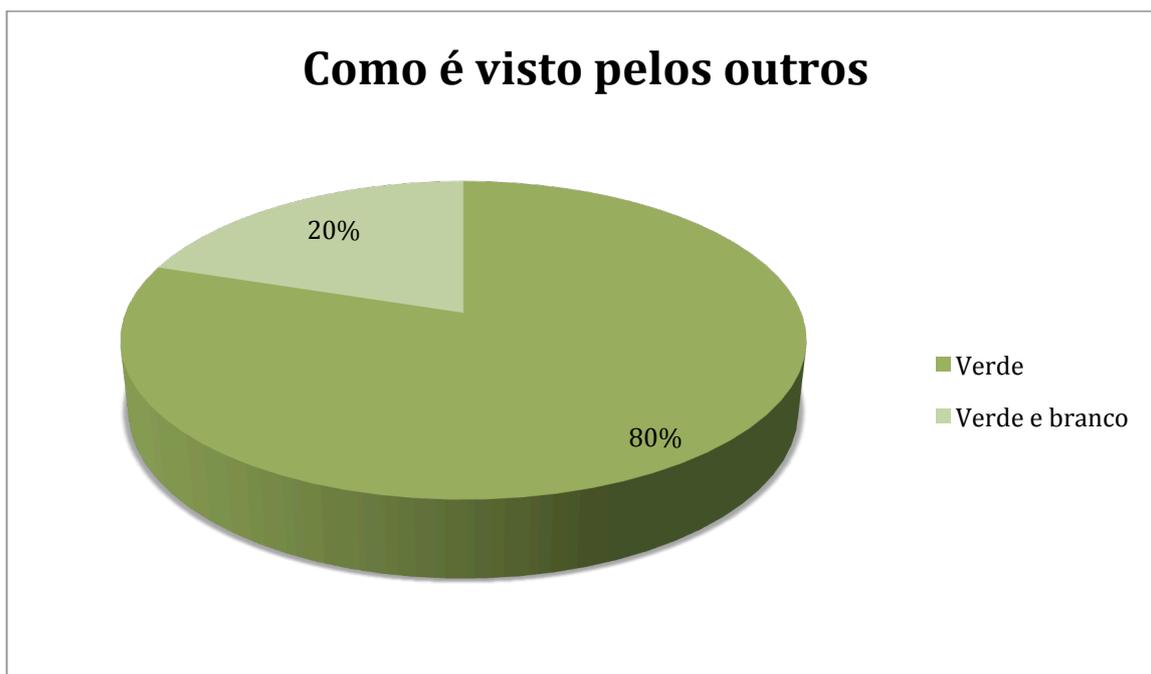
Após a independência do Brasil, a bandeira permaneceu, sofrendo apenas algumas alterações, mas D. Pedro I foi categórico ao impedir mudanças na cor, pois “o verde-amarelo (...) representava a riqueza e primavera eterna do Brasil”. Essa também é uma forma curiosa de mostrar a mudança de significado que os símbolos podem ter, o verde da bandeira era uma referência aos brasões pessoais dos Bragança e o losango veio direto dos Habsburgo de Dona Maria Leopoldina. D. Pedro e tantos outros foram capazes de enxergar uma correlação entre essas cores já pré-estabelecidas e o que poderia ter de maior representativo na nova nação.

Mesmo com a Proclamação da República, a bandeira teve poucas alterações, apenas a esperada troca do brasão do Império, o que ajudou a enraizar a ideia há muito repetida nas escolas, “o verde das matas e o amarelo do ouro”. O ouro, como é estudado, acabou no ciclo da mineração, mas o “verde das matas” é alvo constante de notícias, por conta do desmatamento desenfreado em uma época de valorização ecológica e o sempre presente problema da Amazônia, cada vez mais dividida dentro do próprio país.

De forma mais indireta, mas que possivelmente deixa marcas no subconsciente, estão as cores do mapa. Constantemente, o Brasil é pintado de verde nos globos terrestres, mapas-múndi ou mesmos mapas da América. Essa

mesma imagem, que é vista em sala de aula de Geografia, em documentários e notícias deixam bem marcada uma cor para o país, ainda mais porque sua extensão o deixa sempre como foco na América do Sul.

Em contrapartida, é interessante notar como os falantes de outras línguas enxergam o Brasil.



A predileção pelo verde se mantém, o que traz conotações interessantes. Visto que os estrangeiros entrevistados foram todos do continente europeu, o fato de a cor mais prototípica para o Brasil ser o verde nos remete à importância que o país tem como possuidor de uma das maiores florestas tropicais, além de todo o vasto e complexo ecossistema brasileiro.

O Brasil sempre foi associado à natureza, inicialmente, até de forma pejorativa; no anos 70, surgiu a questão de a Amazônia ser um bem da humanidade e por isso não pertencia a um país específico, mas, sim, um grupo político deveria tomar conta dela, esse grupo, claro, tinha seus próprios interesses. A ideia não vingou, apesar de o assunto ainda ser bastante polêmico. De forma mais positiva, o verde, que predomina na bandeira do Brasil cria uma associação rápida, assim como os maiores cartões postais do país, que ainda trazem a marca peculiar da natureza brasileira.

França

A França gerou uma resposta bastante inesperada à pesquisa.



Naturalmente, verde não é uma cor associada à bandeira ou heráldica francesa, então o que embasou essa escolha? Pode-se pensar na natureza, ao responder ao teste pode ter havido a evocação de uma característica marcante de um lugar determinado ou mesmo a lembrança dos jardins de Versalhes... O azul escuro, por sua vez, é uma cor que aparenta ser naturalmente ligada à França, como podemos ver também nas respostas dadas pelos não nativos de francês.



Sabemos que o vocábulo *azul* veio para o português por influência persa, a partir da palavra *lazward* 'cor de lápis-lazuli', porém essa influência não consta na língua francesa em que a palavra para designar a cor azul encontra raízes no proto-germânico e passou do Francês Antigo para o Francês Médio, *blef* > *bleve* > *blöe*.

A escolha do azul como cor mais prototípica da França não é em nada aleatória e pode ser justificada muito antes da existência da bandeira pós-Revolução Francesa. Existe um tom específico de azul chamado *bleu de France*, que, desde a época monárquica, era usado nos estandartes reais. Filmes e peças de época costumam designar roupas azuis para os personagens franceses, gerando um interessante contraste ao vermelho usualmente usado nos ingleses.

A atual bandeira tricolor foi alvo de diversas tribulações no decorrer do século XIX com todas as mudanças de governo pelas quais a França passou. Somente na III República começou a se chegar a um consenso sobre o uso da bandeira com as cores azul, branca e vermelha, que passaram a ser adotadas em totalidade na 1ª Guerra Mundial. Mesmo assim, vemos que historicamente e até por meio de expressões conhecidas, como "Sacrebleu", elegem o azul como cor mais prototípica da França, ainda que, neste trabalho, pela visão dos falantes não nativos.

Itália

Os testes de percepção com os falantes nativos de italiano revelaram um empate:



Com base nas bandeiras, que, nessa pesquisa, vêm se mostrando um ponto de apoio muito forte na escolha da cor mais prototípica de uma nação, é fácil enxergar o verde na Itália. A Itália é um país recente, tendo as cidades-estados italianas sido unificadas apenas no século XIX, porém as três cores – verde, branco e vermelho – já estavam presentes desde o século XVIII.

As cores na bandeira da Itália possuem dupla interpretação, em uma delas, o verde representa as planícies e colinas italianas, o branco é a neve no pico das montanhas e o vermelho, o sangue derramado na Guerra de Independência. A outra interpretação é de ordem mais teológica e o verde significa a esperança, o branco, a fé, e o vermelho é a caridade. Assim como aconteceu nos resultados sobre o Brasil, o verde pode ser uma cor de fácil associação por estar na bandeira, mas também encontra justificativa na paisagem natural do país.

Divergente parece ser a outra metade que fez associação com a cor *azul*. Se metade foi direto a uma cor que se encontra na bandeira nacional da Itália, de onde teria vindo o azul? Esse é o momento de trazer à tona o uniforme da seleção tetracampeã da Itália, *la squadra azzurra*. Parece uma justificativa plausível que um acompanhador de futebol associe seu país à cor do uniforme da seleção nacional de futebol, mas é ainda mais plausível quando descobrimos o motivo para o uniforme ter uma cor tão fora do padrão. O azul era a cor da Dinastia Savóia, que unificou a Itália em 1861, o uso da cor no uniforme da seleção implicava um posicionamento político no começo do século XX, mas depois passou a ser visto como tradição.

A escolha de cores por parte dos falantes nativos de outras línguas também ficou dividida:



Mais da metade dos entrevistados (se considerarmos o verde escuro como uma variação na paleta de cor) colocou a cor verde como a cor mais representativa da Itália; a outra parte se voltou para a outra cor presente na bandeira: o *vermelho*. A etimologia da palavra vermelho é bastante peculiar, pois o Brasil e a Catalunha são os únicos dentre os países de língua latina usados desse trabalho a usar esse vocábulo, que deriva do latim *vermiculus* 'pequeno verme', uma referência a um verme vermelho do qual era extraído pigmento.

O vermelho, como já comentado, é uma das cores da bandeira da Itália, então não foge muito do esperado essa ser uma das cores de mais associação da parte dos estrangeiros. Em comparação, é interessante notar que o *branco* foi ignorado tanto no protótipo de cor nacional dos franceses quanto dos italianos, ainda mais tendo em vista as semelhanças entre ambas as bandeiras.

Romênia

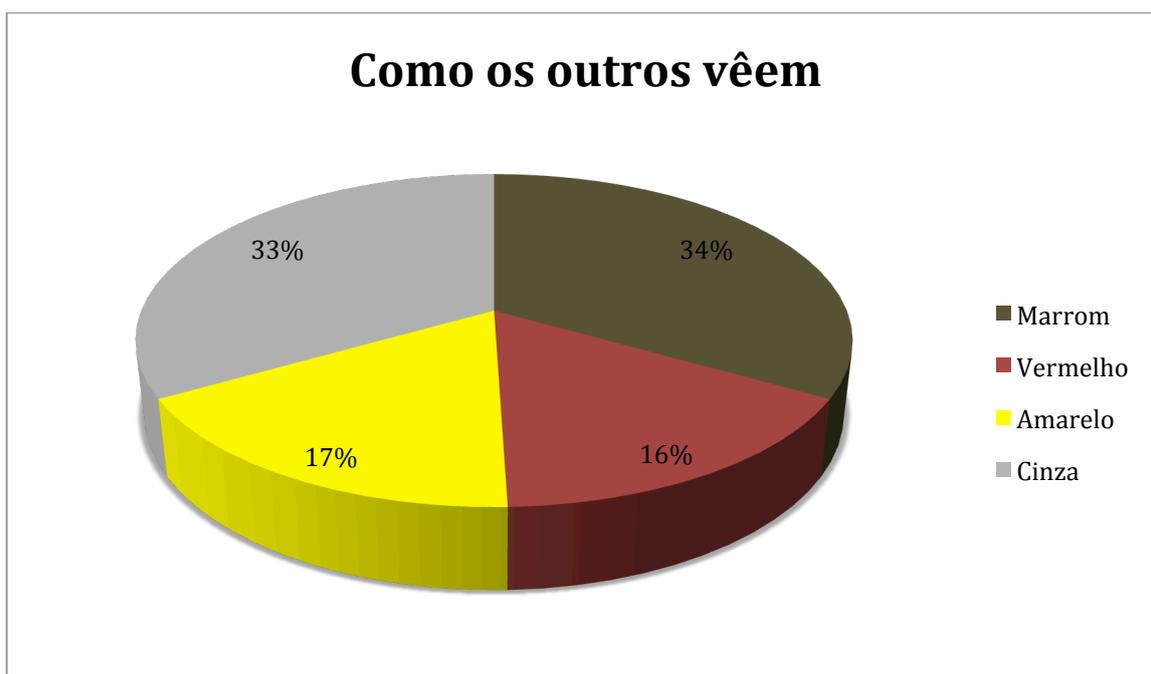
A Romênia particulariza um caso interessante, pois é o país menos reconhecido como falante de língua latina. O nome Romênia quer dizer "terra dos romanos", marcando o fato do local ter sido dominado pelos romanos e ser o único país de língua neolatina no Leste Europeu. A influência eslava na Romênia é tão forte pela região que, inclusive, se usa o alfabeto cirílico, e, assim como o resto do Leste Europeu, a Romênia fez parte da União Soviética, separando-se em 1989, com o fim do bloco.



As cores que surgiram como as mais prototípicas da Romênia apresentaram um desafio.

Essa foi, provavelmente, a representação mais pessoal entre os entrevistados. A escolha de três cores que nada têm a ver com uma bandeira tricolor ou qualquer outro símbolo nacional demonstra um apego diferente ao país. Nesse ponto, é importante notar a ordem em que estas cores aparecem. Apesar de terem sido postas uma ao lado do outra, denotando paridade entre as cores, não se pode deixar de perceber que internamente há uma ordem entre elas. O verde, em primeiro lugar, talvez tenha alguma referência à natureza, pois já vimos que o verde é a cor mais prototípica ao se falar de natureza; o azul pode tanto ser uma referência ao céu ou ao próprio Mar Negro, além de ser uma das cores da bandeira da Romênia; do marrom, deduzimos que a associação mais fácil é com a terra ou talvez monumentos e construções.

A visão que os não nativos de romeno tiveram da Romênia foi bem divergente:



As cores predominantes foram o marrom e o cinza, o que aponta um fenômeno de preenchimento na representação. O marrom e o cinza são cores neutras e pouco chamativas, dificilmente seriam escolhidas para representar algo, pois não são particularmente marcantes. Sendo a Romênia um país não muito conhecido, mesmo para os europeus, a dificuldade de associação é driblada elegendo uma cor neutra que pode ser prototípica ou não. Se o país não é

conhecido, o estrangeiro não pode garantir que sua cor escolhida represente algo no país, mas também não pode excluir a possibilidade, o que transforma cores como preto, cinza, marrom em cores-coringa.

Curiosamente, um entrevistado explicou sua escolha pelo vermelho, justificando que era uma referência ao fato de a Romênia ter feito parte do bloco comunista da URSS durante a Guerra Fria. Isso nos traz à associação mais clara entre cores e países: o vermelho dos países comunistas.

Infelizmente, durante o processo de coleta de dados não foi possível conseguir dados de falantes nativos de espanhol e de catalão, então a análise será feita apenas com base nas cores as quais os falantes de outras línguas associaram à Espanha e à Catalunha.

Espanha

Duas cores foram escolhidas para representar a Espanha, apesar de que com porcentagens diferentes:



O vocábulo *amarelo* aparece nas línguas latinas vindo de duas vertentes predominantes. Em português e em espanhol, a palavra se origina do diminutivo da palavra latina *amarus* 'amargo', um caso metonímico em que a cor de algo é substituída pela sabor, amarela é a cor da bile antes de oxidar, que tem sabor

amargo. Já em francês (*jaune*), italiano (*giallo*) e romeno (*galben*), por exemplo, se usa a evolução do latim *galbinus*, que quer dizer “amarelado”.

Parece existir certa relutância em associar um país ao vermelho, cor que não predominou nem nos exemplos franceses, nem italianos, e mais uma vez não predomina como cor prototípica da Espanha, apesar de que, seguindo a representação da bandeira nacional, o vermelho predomina na bandeira da Espanha.

Esses dados ainda se mostram mais curiosos ao lembrarmos das representações culturais espanholas, como as touradas ou o flamenco, em que o uso do vermelho é marcante, ainda assim, o amarelo foi classificado como cor mais prototípica com mais da metade da porcentagem. Não podemos nos esquecer, porém, de que não há dados de falantes nativos para serem confrontados com a visão estrangeira.

Catalunha

Por fim, o último a ser analisado: a complexa Catalunha. Sim, a Catalunha não é um país, mas é uma região separatista da Espanha e seu maior argumento é a diferença linguística. Para Augustí Alcoberro, diretor do Museu de História da Catalunha, países “na velha Europa são comunidades assentadas em um território, com uma história comum, uma língua, uma cultura e o que poderíamos definir como uma psicologia coletiva, resultado de um processo de longa duração”, para Alcoberro - e todos os outros catalães que buscam a independência – a Catalunha possui tudo isso.

Historicamente, a região da Catalunha, que se localiza no Nordeste da Península Ibérica, foi um ponto estratégico para os gregos e romanos, depois sendo tomada pelos visigodos, que deram fim ao domínio romano, porém eles não conseguiram impedir a expansão árabe, que se espalhou pela Península Ibérica. Na luta pela Reconquista, os francos tomaram Barcelona, com Carlos Magno à frente, que dividiu a região em condados consignados a um poder central; aos poucos,

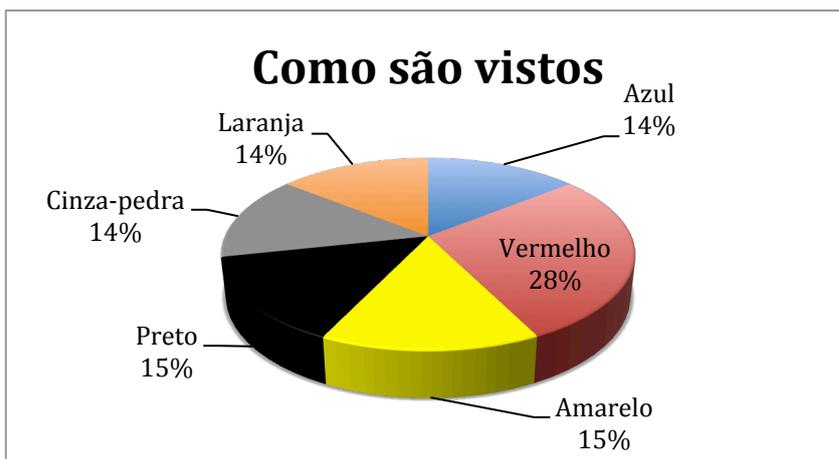
esses condados foram se desvinculando dos francos e dando origem a dinastias, e assim plantou-se o gérmen do sentimento nacionalista catalão.

No século XII, uma aliança entre o Conde de Barcelona, Ramón Berenguer IV, e a herdeira do trono de Aragão, Petronila, criou a aliança catalão-aragonesa, que durou seis séculos. Esse governo conjunto era beneficiário a ambos e garantia a autonomia da Catalunha, que manteve sua língua, cultura e leis, tendo em comum com o reino de Aragão apenas o soberano, que de um lado era chamado Rei de Aragão e do outro, Conde de Barcelona.

Essa época dourada começou a ruir com a crescente mentalidade absolutista centralizadora de Madri, aumentada após o descobrimento da América, em 1492. O fim da autonomia catalã se deu nos últimos anos da Guerra da Sucessão Espanhola, que opôs a França e a Espanha de Felipe V – os estados dos Bourbon – à Grande Aliança de Haia – Inglaterra, Países Baixos, Império Alemão, Portugal e Savoia -, a Catalunha, com o intuito de preservar sua independência, apoiou os aliados, mas Felipe V saiu vitorioso e em 11 de setembro de 1714 ocupou Barcelona e declarou a região parte da Espanha, o que permanece até hoje.

Pouco antes da ditadura de Franco, a Catalunha havia conseguido o Estatuto de Autonomia da Catalunha, mas com Franco no poder, o Estatuto foi anulado e toda e qualquer manifestação de nacionalismo, proibida, inclusive o uso da língua catalã. Em 1983, foi criada a Lei de Normalização Linguística, que elevou o catalão ao status de língua co-oficial de Espanha, mas isso só aumentou o nacionalismo. A luta pela independência catalã está bastante forte atualmente, com a organização de diversos plebiscitos e reuniões sobre uma possível separação.

Os resultados dos testes sobre a Catalunha se mostraram diversos:



Pela primeira vez nessa pesquisa, o vermelho se sobressaiu como cor mais prototípica, seguido do amarelo, apesar de ter uma diferença percentual considerável. O vermelho é uma das cores da Catalunha, partindo de uma lenda que diz que Guifré, que unificou vários condados catalães, foi ferido em uma batalha contra os muçulmanos, e o imperador carolíngio Carlos II passou quatro dedos sujos do sangue de Guifré em seu escudo dourado, dando origem às quatro faixas vermelhas da bandeira catalã. Porém, por mais que o vermelho e o amarelo figurem na bandeira catalã, parece mais provável que tenha sido feita uma rápida associação com a Espanha na escolha dessas cores.

As outras três cores resultantes do teste de percepção são o azul, o preto e o cinza-pedra. O azul é o grande diferencial entre as cores da bandeira da Catalunha e da Espanha e poderia, claramente, chamar atenção para esse aspecto. O preto e o cinza-pedra se mostram uma alternativa psicológica de preenchimento, em que uma cor neutra – ou no caso do preto, a ausência de cor – se manifestou no momento da associação, uma vez que a Catalunha não é tão conhecida, basicamente o mesmo que ocorreu com os resultados da Romênia.

CONCLUSÃO

A associação psicolinguística entre cores e coisas é uma das primeiras e mais básicas no momento da aquisição de linguagem. A criança logo aprende que a maçã é vermelha, a folha é verde e o mar é azul, mais tarde, ela passa para a criação de conceitos mais abstratos e esses conceitos podem ser aliados a cores.

O intuito de analisar as ligações feitas entre nacionalidades e cores nada teve de ufanista, mas a genuína curiosidade em entender, psicolinguisticamente, a visão e representação que um povo, país ou região tem de si mesmo.

A Teoria dos Protótipos apresenta como assertiva que existem exemplares melhores e piores dentro do *continuum*, e foi isso que foi observado no decorrer da pesquisa. Podemos chegar a algumas conclusões:

1 – As cores básicas prevalecem. Em um círculo cromático inteiro, as cores mais facilmente evocadas foram justamente as cores levantadas pelo estudo de Berlin & Kay sobre os termos básicos das cores, e as línguas analisadas se encaixam na lista de línguas que possuem onze termos.

2 – Enquanto cores como verde e azul apareceram exaustivamente, extremos como branco e preto ficaram à sombra. O branco, em especial, não foi citado uma única vez, mesmo no caso de países em cujas cores nacionais canônicas figura o branco. Há algumas possíveis explicações para o fato: o branco já está longamente associado a outros conceitos, como paz e pureza; a presença de outras cores mais fortes, vermelho, por exemplo, ofusca o branco e fornece associação mais rápida.

3 – Quanto mais conhecido o país ou região mais certa a associação. Essa parece ser uma afirmação um tanto óbvia, mas o que a torna interessante é a análise das cores que foram escolhidas para os países que são menos conhecidos. Entre os lugares escolhidos para a pesquisa, a Romênia e a Catalunha eram os mais desconhecidos, e para eles foram selecionadas cores como preto e cinza (preto, teoricamente, é a ausência de cor, mas já é percebido que, na cabeça dos

falantes, ele possui status de cor tanto quanto amarelo ou laranja). Como já comentado, essas são cores neutras e foram selecionadas no *continuum* como cores-coringa.

4 – Prevaleram as cores que figuram nas bandeiras nacionais, mas seria simplista dizer que elas foram escolhidas apenas porque estão nas bandeiras. Em um país com pouco instinto de patriotismo como o Brasil, dizer que o verde foi escolhido porque está na bandeira seria no mínimo contraditório; o que ocorre, e isso em todos os países, é um conjunto de referências culturais enraizadas, como o simples fato de uma pizarria ter o título em vermelho e verde ou filmes de época vestirem os franceses com roupas azuis; tais referências ficam marcadas no inconsciente do falante. Ao serem questionados sobre qual cor mais se associa a determinado país, essas cores, já associadas na mente, se destacarão mais rápido na categoria.

A curiosidade em saber quais seriam as cores mais prototípicas dos países de língua neolatina se mostrou frutífera e, claro, o estudo pode ser expandido em número de entrevistados ou mesmo em categorias de análise. Procurar entender a correlação que os falantes fazem entre si e suas próprias nacionalidades e o sentimento de pertencimento e algo tão básico como cores evoca as sutilezas das manifestações psicológicas da língua e a firmeza com que certos conceitos se enraízam mesmo sem nosso conhecimento. A capacidade linguística de um indivíduo pode ir muito além das associações de palavras usadas corriqueiramente, pois a interpretação semântica de um falante possui um amplo potencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERLIN & KAY. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1969.
- BUENO, Silveira. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. Editora Brasília LTDA: Santos – SP, 1973
- DAUZAT, Albert. *Dictionnaire Etymologique*. Larousse: Paris, 1938.
- DUQUE, Paulo Henrique. *Teoria dos Protótipos Categoria e Item Lexical*. Em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(21\)13.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(21)13.htm) e [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(22\)13.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(22)13.htm)
- KLEIBER, Georges. *La semântica de los protótipos: categoría y sentido léxico*. Trad.: Antonio Rodríguez Rodríguez. Madri: Visor Libros, 1995.
- PUTNAM, Hilary. *Representation and Reality*. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press, 1988.
- <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/24>
- <http://www2.denizyuret.com/bib/rosch/rosch1999principles/QL-75cadM2D.pdf>
- <http://www2.hn.psu.edu/faculty/jmanis/aristotl/Categories.pdf>
- http://commonweb.unifr.ch/artsdean/pub/gestens/f/as/files/4610/9778_083247.pdf
- <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/fernandolopesd eaquino50-61.pdf>
- <http://www.britannia.com/history/stgeorge.html>
- <http://www.uri.edu/iaics/content/2006v15n2/04%20Joanne%20Mundorf%20%26%20Guo-Ming%20Chen.pdf>
- http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=3191
- http://russia-ic.com/culture_art/traditions/1074#.Uo-8Nyhwp-4

- <http://www.vexilologia.com.br/his23.html>
- http://mapsofworld.himmera.com/Italy_flag_picture_meaning_colors.html
- <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/catalunha-independente-757359.shtml>

ANEXOS

ANEXOS

TESTES DE PERCEPÇÃO

Nacionalidade: Brasileira

Língua materna: Português

País de residência: Brasil

Teste de percepção

Escolha uma cor que o senhor/senhora ache que combine mais para definir cada palavra da lista – favor não deixar nenhuma em branco.

Palavra	Cor
Água	Azul acinzentado
Vida	Azul céu
Amor	Vermelho
Brasil	Verde
Terra	Marrom
Espanha	Vermelho
Remédio	Branco
Céu	Azul
França	Azul
Floresta	Verde
Lua	Branco
Sol	Amarelo
Itália	Verde
Romênia	Amarelo
Escócia	Verde
Vinho	Roxo
Arábia	Bege
Deserto	Amarelo
Catalunha	Vermelho
Mar	Azul marinho
Televisão	Preto

Nacionalidade: Brasileiro

Língua materna: Português BR

País de residência: Brasil

Teste de percepção

Escolha uma cor que o senhor/senhora ache que combine mais para definir cada palavra da lista – favor não deixar nenhuma em branco.

Palavra	Cor
Água	Branco
Vida	Roxo
Amor	Rosa
Brasil	Verde
Terra	Marrom
Espanha	Amarelo
Remédio	Cinza
Céu	Azul
França	Azul
Floresta	Verde
Lua	Azul
Sol	Amarelo
Itália	Vermelho
Romênia	Marrom
Escócia	Branco
Vinho	Roxo
Arábia	Amarelo
Deserto	Amarelo
Catalunha	Azul
Mar	Azul
Televisão	Cinza

Nacionalidade (Nationalité) : Française

Língua materna (Langue maternelle): Français

País de residência (Pays de résidence): France

Teste de percepção – Test de perception

Escolha uma cor que o senhor/senhora ache que combine mais para definir cada palavra da lista – favor não deixar nenhuma em branco.

(Choisissez une couleur que vous trouvez la plus convenable pour définir chaque mot de la liste – s’il vous plaît, ne laissez aucun en blanc.)

Palavra (mot)	Cor (couleur)
Água (eau)	bleue
Vida (la vie)	rouge
Amor (amour)	rouge
Brasil (Brésil)	vert
Terra (terres)	marron
Espanha (Espagne)	jaune
Remédio (recours)	bleu
Céu (ciel)	bleu
França (France)	vert
Floresta (forêt)	vert
Lua (Lune)	gris
Sol (Soleil)	jaune
Itália (Italie)	vert
Romênia (Roumanie)	gris
Escócia (Écosse)	vert
Vinho (vin)	Rouge (bordeaux !)
Arábia (Arabia)	noir
Deserto (désert)	jaune
Catalunha (Catalogne)	noir
Mar (mer)	bleu
Televisão (télévision)	gris

Nacionalidade (Nationalité): Française

Língua materna (Langue maternelle): français

País de residência (Pays de résidence): France

Teste de percepção – Test de perception

Escolha uma cor que o senhor/senhora ache que combine mais para definir cada palavra da lista – favor não deixar nenhuma em branco.

(Choisissez une couleur que vous trouvez la plus convenable pour définir chaque mot de la liste – s’il vous plaît, ne laissez aucun en blanc.)

Palavra (mot)	Cor (couleur)
Água (eau)	bleu
Vida (la vie)	blanc
Amor (amour)	rouge
Brasil (Brésil)	vert
Terra (terres)	marron
Espanha (Espagne)	jaune
Remédio (recours)	Ambre
Céu (ciel)	Bleu ciel
França (France)	Bleu foncé
Floresta (forêt)	Vert sapin
Lua (Lune)	Beige clair
Sol (Soleil)	Tangerine (orange)
Itália (Italie)	Vert foncé
Romênia (Roumanie)	gris
Escócia (Écosse)	Rouge cardinal
Vinho (vin)	Rouge bordeau
Arábia (Arabia)	jaune
Deserto (désert)	jaune
Catalunha (Catalogne)	orange
Mar (mer)	Bleu marine
Televisão (télévision)	gris

Nacionalidade (Nazionalità): Italiano

Língua materna (Madrelingua): Italiano

País de residência (Paese di residenza): Italia

Teste de percepção – Test di percezione

Escolha uma cor que o senhor/senhora ache que combine mais para definir cada palavra da lista – favor não deixar nenhuma em branco.

(Scelga un colore che Lei pensa che sia meglio per definire ogni parola della lista - si prega di non lasciare spazi vuoti.)

Palavra (Parole)	Cor (Colori)
Água (l'acqua)	Celeste
Vida (la vita)	Rosa
Amor (l'amore)	Rosso
Brasil (Il Brasile)	Verde
Terra (la terra)	Marrone
Espanha (La Spagna)	Giallo
Remédio (La medicina)	Bianco
Céu (Il cielo)	Celeste
França (La Francia)	Blu
Floresta (La foresta)	Verde
Lua (La Luna)	Bianco
Sol (Il Sole)	Giallo
Itália (L'Italia)	Verde
Romênia (La Romania)	Rosso (comunisti auhaeua)
Escócia (La Scozia)	Nero
Vinho (Il vino)	Rosso
Arábia (Arabia)	Giallo
Deserto (Il deserto)	Giallo
Catalunha (La Catalogna)	Rosso
Mar (Il mare)	Blu
Televisão (La TV)	Nero

Nacionalidade (Nazionalità): ITALIANA

Língua materna (Madrelingua): ITALIANO

País de residência (Paese di residenza): BRASIL / BRASILE

Teste de percepção – Test di percezione

Escolha uma cor que o senhor/senhora ache que combine mais para definir cada palavra da lista – favor não deixar nenhuma em branco.

(Scelga un colore che Lei pensi che sia meglio per definire ogni parola della lista - si prega di non lasciare spazi vuoti.)

Palavra (Parole)		Cor (Colori)
Água	(l'acqua)	BIANCO
Vida	(la vita)	ARANCIONE
Amor	(l'amore)	ROSSO
Brasil	(Il Brasile)	VERDE
Terra	(la terra)	ROSSO
Espanha	(La Spagna)	ROSSO
Remédio	(Il rimedio)	VERDE
Céu	(Il cielo)	AZURRO
França	(La Francia)	BLU
Floresta	(La foresta)	VERDE SCURO
Lua	(La Luna)	ARGENTO
Sol	(Il Sole)	GIALLO ORO
Itália	(L'Italia)	AZURRO
Romênia	(La Romania)	MARRONE
Escócia	(La Scozia)	GRIGIO
Vinho	(Il vino)	ROSSO RUBINO
Arábia	(Arabia)	ROSSO
Deserto	(Il deserto)	GIALLO
Catalunha	(La Catalogna)	GIALLO
Mar	(Il mare)	CELESTE
Televisão	(La TV)	NERO

Nacionalidade (Nationalité): roumaine

Língua materna (Langue maternelle): le roumain

País de residência (Pays de résidence): Belgique

Teste de percepção – Test de perception

Escolha uma cor que o senhor/senhora ache que combine mais para definir cada palavra da lista – favor não deixar nenhuma em branco.

(Choisissez une couleur que vous trouvez la plus convenable pour définir chaque mot de la liste – s’il vous plaît, ne laissez aucun en blanc.)

Palavra (mot)	Cor (couleur)
Água (eau)	Bleu (albastru)
Vida (la vie)	L’arc-en-ciel, toutes les couleurs (curcubeu)
Amor (amour)	Le feu, tout sorte de rouge (rosu)
Brasil (Brésil)	Blanc et vert (alb, verde)
Terra (terres)	Bleu (albastru) mais aussi marron
Espanha (Espagne)	Jaune (galben)
Remédio (recours)	pas de couleur, transparente (transparent)
Céu (ciel)	Bleu Clair (albastru deschid)
França (France)	Brun (brun)
Floresta (forêt)	Verte – Cuivre – blanc, selon le saison
Lua (Lune)	Jaune (galben)
Sol (Soleil)	Jaune ravissante (galben scanteietor)
Itália (Italie)	Rouge (rosu)
Romênia (Roumanie)	Vert-bleu-marron (verde-albastru-mar)
Escócia (Écosse)	Noir (negru)
Vinho (vin)	Rouge (rosu)
Arábia (Arabia)	Gri sable (gri-nisip)
Deserto (désert)	Rougeatre (en Australie) (roscat)
Catalunha (Catalogne)	Gri-pierre (gri-piatra)
Mar (mer)	Bleu foncé (albastru inchis)
Televisão (télévision)	Noir (negru)